

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 180

Data 22 de Janeiro de 1977 Pg.: \_\_\_\_\_

## Cimi dedica ano aos mártires

Da sucursal de  
PORTO ALEGRE

A regional sul do Conselho Indigenista Missionário escolheu 1978 como o 'Ano dos Mártires' para lembrar os 350 anos da morte dos jesuítas Roque Gonzales, Afonso Rodrigues e João de Castilhos e os 222 anos da morte do índio Sepe Tiaraju, o chefe da Redução de São Miguel, morto pelos exércitos espanhóis e portugueses a 7 de fevereiro de 1756, quando bradava que "esta terra tem dono recebêmo-la de Deus e de São Miguel e somente eles poderão nos deserdar". O 'Ano dos Mártires', também marcará o prazo final para a demarcação das terras indígenas previstas no estatuto do índio e servirá para assinalar as recentes mortes do índio bororo Simão e dos missionários Rodolfo Lunkenbein e João Bosco Penido Burnier.

O diretor do CIMI-Sul, Egon Heck, explicou que a promoção "se constitui numa prática das proposições feitas pelos próprios indígenas durante a Oitava Assembléia Nacional de Chefes, realizada em abril de

77 no Rio Grande do Sul, e contidas no manifesto — divulgado na ocasião." "Logo de saída — acrescentou o missionário — o documento dos índios retifica nosso olhar, pois estávamos habituados a ler História do Brasil a partir de 1500, como a data em que tudo de bom começou a acontecer por aqui. O povo indígena nos adverte, no entanto, que para eles, oprimidos, precisamente a 22 de abril de 1500 foi o começo do fim, foi início de um martírio com os mais diversos instrumentos de degradação".

O jesuíta observou que aprendemos ainda na escola que não houve grande violência em nossa História, como a ocorrida na História de outros países, graças à índole pacífica do povo brasileiro. "A verdade — diz ele — é que talvez não exista povo no mundo em que a violência tenha sido mais desenfreada do que por aqui nos últimos 500 anos. Será que pode haver maior violência em educação do que esconder a violência que houve na História?".

Egon Heck referiu-se aos objetivos da promoção do

'Ano dos Mártires', lembrando que o índio Sepe Tiaraju é considerado santo popular no Rio Grande do Sul e que "ele se constitui no protótipo do Mártir na luta pela terra, problema capital dos indígenas até hoje. Na linha-gem direta de Sepe, os índios do Sul do Brasil continuam a sofrer o martírio através da espoliação das terras, do confinamento a que são relegados, e da invasão cultural de que são vítimas".

Justificando ainda a promoção que visa ampliar também o conhecimento da causa indígena, o missionário lembrou o documento "Y Juca Pirama", editado pelos bispos brasileiros, sintetizando alguns valores básicos: "Os povos indígenas — esclareceu — têm um sistema de uso da terra, baseado no social, não no particular, em profunda consonância com todo o ensinamento bíblico sobre a posse e uso da terra, cortando-se assim pela raiz a possibilidade de dominação de uns sobre os outros na base da exploração particular dos meios de produção. Um segundo princípio é quanto à produção, toda ela resultado do trabalho ou do

aproveitamento das riquezas da natureza e portanto toda a economia é fundamentada nas necessidades do grupo e não apenas no lucro de alguns".

Egon Heck recordou ainda à Organização Social que tem como única finalidade garantir a sobrevivência e os direitos de todos e não os privilégios de alguns poucos e, também, o processo de educação, que se caracteriza pelo exercício da liberdade: "a organização do poder, por sua vez, não é despótica: mas compartilhada, pois o chefe indígena não se constitui naquele que manda, mas o indivíduo sábio que orienta, não impondo uma decisão preconcebida". Além disso, das populações indígenas viverem em harmonia com a natureza e seus fenômenos, o documento observa que a descoberta do sexo, pelo indígena, ocorre dentro de um processo normal de evolução e vivência, mantendo um clima de respeito. "Não tem as características de tabu ou de idolatria que se manifestam em nossa sociedade e que tanto a condicionam", concluiu.